



**PSICOLOGIA &
VIOLÊNCIA**
nas escolas

Jacqueline Meireles
&
Raquel S. L. Guzzo

2016

APRESENTAÇÃO



A presente cartilha foi produzida como um esforço de tradução e divulgação dos resultados da dissertação de mestrado “Ecos da violência: a perspectiva de estudantes de uma escola pública”. As informações aqui contidas, porém, perpassam pelas reflexões e construções de um coletivo maior, constituído por psicólogos do grupo de pesquisa “Avaliação e intervenção psicossocial: prevenção, comunidade e libertação”, liderado pela Profa. Dra. Raquel S. L. Guzzo. Esse grupo tem desenvolvido o Projeto ECOAR (Espaço de Convivência, Ação e Reflexão) no âmbito de cinco Escolas Municipais da cidade de Campinas-SP, com o fim de promover ações preventivas para o enfrentamento à violência na escola. Trata-se de uma prática psicossocial voltada para o desenvolvimento integral das crianças no cotidiano da sua escolarização, fundamentada em autores como L.S. Vigotski e Ignácio Martin-Baró.

Este material apresenta, portanto, reflexões e práticas que lançam luz sobre caminhos que a psicologia pode seguir no enfrentamento à violência na escola. Desta forma, destina-se tanto a psicólogos escolares, quanto a educadores interessados nessa temática e no diálogo com a Psicologia. Esperamos assim, que estas reflexões façam avançar a construção de escolas como espaços saudáveis e férteis para o desenvolvimento de todos que nela convivem.

QUE VIOLÊNCIA?

Se você vivencia cotidianamente a realidade de uma escola, provavelmente já se deparou com situações que envolvem violência e parecem complexas demais para uma resolução. Não é mesmo?

O problema da violência é tão complicado, que mesmo os teóricos não conseguem chegar a um acordo sobre seu significado e, para cada um de nós, a própria palavra "violência" desperta sentidos tão diferentes, que é quase impossível compartilhá-los! Se, de fato, é tão difícil chegar a um acordo sobre o que é violência, quanto mais difícil será pensar em soluções efetivas para ela...

Então vamos começar por esta definição. O que é violência?



“a violência é uma modalidade de relação entre os homens ou grupos de homens, na qual uma das partes **nega à outra algum aspecto de sua realidade humana** (de seus direitos enquanto um ser humano), criando com isto uma situação de injustiça” *

Assim, há na violência um **caráter de injustiça**, que perpassa a violação de direitos intrínsecos a todo ser humano.

*Fonte: Martin-Baró, I. (1968/2015). Los cristianos y la violencia. Teoría y Crítica de la Psicología, 6, pp. 415-456.

Para tentar ilustrar e aprofundar um pouco mais, vamos considerar alguns aspectos sobre a violência:

1. Ela pode ser instrumental ou final:

A diferença entre as duas está em seu objetivo: Quando se usa a violência não como um fim em si, mas como meio para alcançar algo (que pode até ser muito bom e necessário), temos uma situação de violência instrumental.

2. O contexto facilitador:

Todos nós sabemos que na sociedade em que vivemos, a violência é, muitas vezes, vista como algo "natural" e "necessário". Já não nos espantamos com as notícias diárias de violência na TV, os filmes e séries nos apresentam situações em que o mais querido e admirado dos personagens se utiliza da violência o tempo todo – mas ninguém questiona ou se incomoda, a violência entretém.

Não é preciso dizer muito sobre como **essa cultura apresenta valores e normas formais e informais que aceitam e estimulam determinados tipos de violência.**

Temos aí, um contexto facilitador amplo. Mas é preciso também considerar o contexto facilitador mais situacional ou imediato, que pode oferecer a oportunidade de exercer a violência a quem está numa situação de detenção do poder. **Quando, em determinado contexto, as questões interpessoais são, usualmente, resolvidas pela violência, é mais fácil que em nível individual, se opte pelo uso da mesma.**

3. Deve-se considerar a "equação pessoal"

A equação pessoal diz respeito aos elementos do ato que são explicáveis pelas especificidades da pessoa que o realiza, podendo determinar o caráter do ato ou mesmo constituir sua causa primordial (no caso de uma pessoa que tem algum transtorno de personalidade, por exemplo, que - vale destacar - constitui uma minoria dos casos).

4. O fundo ideológico

Muitas vezes certas concepções são difundidas em nossa cultura como "a ideia mais óbvia e correta", mas, na verdade, foram criadas e são estimuladas para favorecer determinado grupo social. Com a violência não é diferente. Considere estas variáveis:

a. O agente da ação: deve ter o direito de exercer a força legitimada (como no caso do policial - que é raramente questionado quando abusa do poder);

b. A vítima da ação: quanto menor seu status social, mas aceitável é a violência contra ela (o que estabelece uma posição de maior vulnerabilidade aos excluídos socialmente - como o pobre, a mulher, o negro, etc.);

c. A situação em que se produz o ato: um ato em caráter de defesa, por exemplo, é mais justificável que o ato de ataque;

4. O grau de dano à vítima: quanto maior o dano, mais justificável deve parecer o ato.

Assim, a ideologia entra em cena quando somos levados a acreditar que a violência cometida com determinadas pessoas é mais aceitável que com outras. Indignamo-nos muito mais com o assassinato de um jovem empresário, que com o de um morador de rua, por exemplo.



Exemplos:
incivildades
(ruído excessivo;
recusa a
trabalhar e
hostilidade);
transgressões
(desrespeito e
insubordinação
às regras);
bullying, etc.

Mas ainda estamos falando de violência de um modo muito geral.. **E a violência que ocorre nas escolas?** Aquela que nem sempre tem as consequências de um assassinato, por exemplo, mas que **fere as pessoas física e emocionalmente**, desgasta as relações, e sufoca o prazer que deveria estar presente nas situações de aprendizagem...

Muitos estudiosos defendem que o uso irrestrito da palavra "violência" não nos ajuda a compreender a dinâmica das manifestações cotidianas na escola. Por isso, classificam estas situações mais frequentes, porém menos graves, em "**microviolências**", que abrangem situações que não se enquadrariam no Código Penal, mas produzem diversas consequências negativas para quem as vivencia.

Independentemente, porém, das discordâncias na forma como as situações de violência na escola devem ser nomeadas, **a maioria dos autores concorda que é preciso ter critérios mais claros e específicos** para lidar com cada uma delas.

O que tem a psicologia escolar a ver com isso?

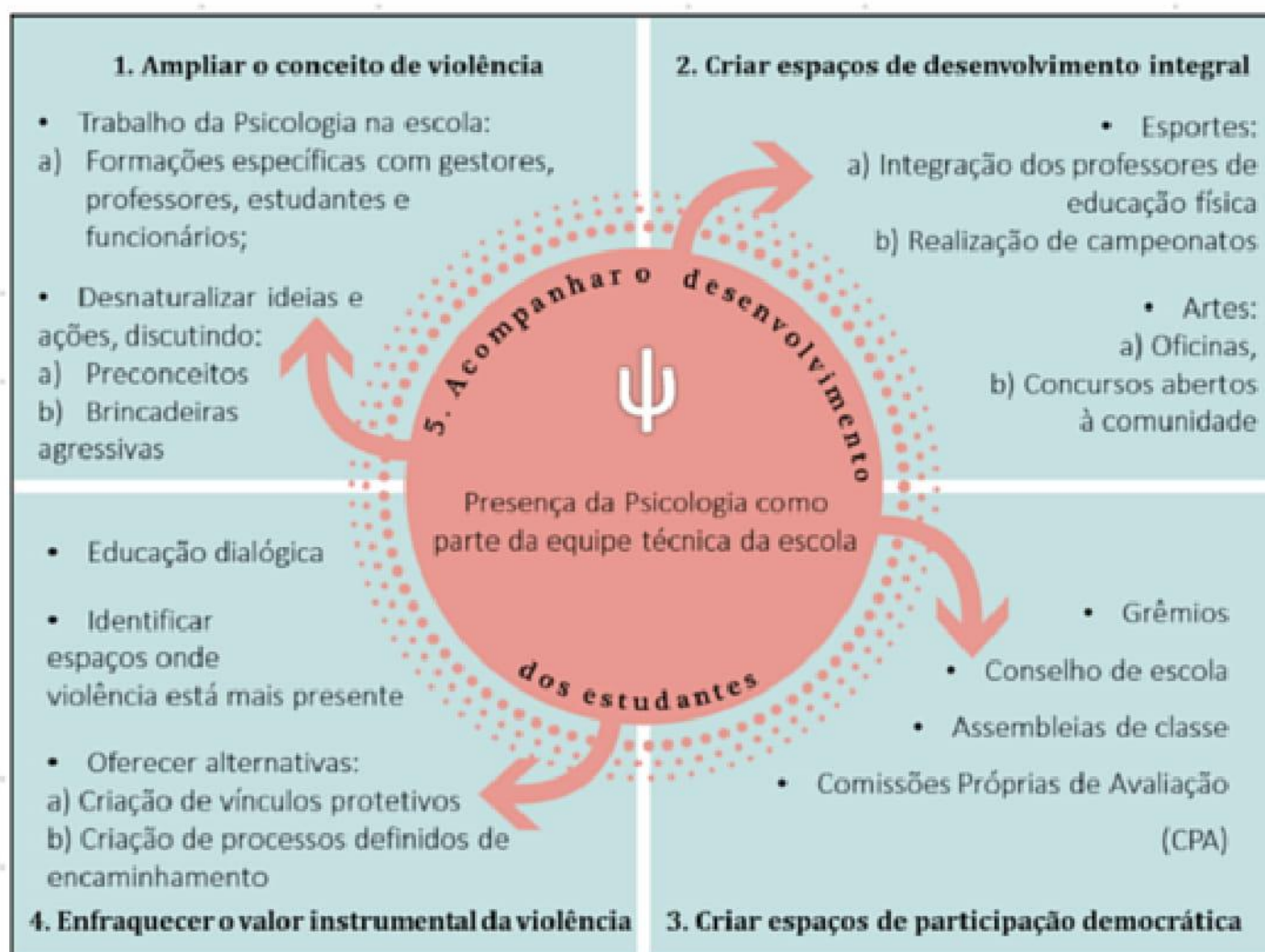
Filosofia, Teologia, Sociologia, Medicina, Direito, Pedagogia, etc... Diversos são os campos das ciências que se ocupam do estudo da violência e de suas consequências. **Ainda que tenham dificuldades para articular seus conhecimentos, os diversos campos favorecem a análise de aspectos específicos da violência, ampliando a compreensão.** Mas e a Psicologia? De que forma ela pode contribuir para o conhecimento desse fenômeno?

Talvez seja difícil responder esta questão, porque a Psicologia é uma ciência que se estabelece sobre diversas correntes filosóficas e está presente em diversos locais, com diversos fins. Vamos, portanto, focar em um desses locais (a escola), trazendo reflexões sobre como a Psicologia Escolar pode contribuir. A escola é um espaço privilegiado para o trabalho da Psicologia, pois possibilita ao profissional que está inserido como membro da equipe escolar, **planejar junto a professores e técnicos as ações necessárias para tornar a escola um espaço de prevenção aos problemas psicossociais e promoção do desenvolvimento integral dos estudantes.** O psicólogo pode, assim, acompanhar o desenvolvimento dos estudantes enquanto e onde ele acontece. Dessa forma, o profissional pode **estar presente enquanto situações de violência surgem e se configuram no cotidiano escolar,** construindo ações preventivas e protetivas em nível individual e coletivo. Como realizar isso na prática?

Uma proposta de ação...

Ações elaboradas coletivamente na escola podem ecoar e refletir em melhorias não apenas na questão da violência, mas em toda a dinâmica de desenvolvimento das crianças com a qual a violência está relacionada, de forma que a convivência, o respeito, o ensino, a aprendizagem e a formação de consciências críticas possam ser estabelecidos.

Apresentamos um esquema que organiza pontos destacados como grandes aliados na construção de uma escola que protege, e que possibilita àqueles que ali convivem uma resolução dialógica dos conflitos:



1. Ampliar o conceito de violência

Formações e discussões são destacadas, pois é necessário que os atores escolares tenham clareza sobre o que é violência. É importante também, discutir formas específicas de violência (como o machismo, por exemplo), à medida que se identifica a presença dessas formas no cotidiano escolar.

2. Criar espaços de desenvolvimento integral

É responsabilidade da escola promover ações para o desenvolvimento integral, independente da violência. **Destacamos, porém, os esportes e as artes como grandes aliados no enfrentamento ao problema da violência na escola.** A primeira estratégia fala sobre a integração entre professores de educação física, que planejando conjuntamente suas aulas para todos os anos, favoreceriam que os estudantes experimentassem e aprendessem a dominar seus corpos em diferentes situações, seja em jogos competitivos (aprendendo a competir de forma saudável e não violenta), seja em jogos cooperativos. **É possível que estas experiências corporais sejam canalizadoras de ansiedades e frustrações que poderiam gerar agressões.** Também se destaca a realização de campeonatos, pois motivam os estudantes, favorecem que se unam em torno de um objetivo e que aprendam uma série de formas de relação necessárias aos jogos. Na estratégia das artes, elencamos a necessidade da realização de oficinas que possibilitem aos estudantes aprender a expressar-se de formas artísticas, desenvolvendo seus dons e significando suas frustrações, bem como a importância de concursos artísticos que envolvam a comunidade como um todo, tornando a escola um espaço mais aberto a ela e **dando aos estudantes a oportunidade de se destacar por suas criações.**

3. Criar espaços de participação democrática

Podendo contar com a legitimidade de sua voz em espaços de discussão e encaminhamentos coletivos aos problemas que vivenciam na escola, os estudantes sentiriam que a escola é um espaço ao qual pertencem e ajudam a construir, e seriam menos prováveis as ações de depredação, ou conquistas pelo uso da força. O uso de espaços democráticos para a definição das ações a serem desenvolvidas na escola, pode favorecer a aprendizagem da resolução de conflitos pelo diálogo.

4. Enfraquecer o valor instrumental da violência

Os estudantes (ou outros atores escolares) utilizam-se da violência porque é uma forma rápida de conseguir o que desejam, mesmo quando isso é apenas parar de sofrer com a violência do outro. Desta forma, o problema não se reduz, como pode parecer numa análise superficial, mas se multiplica e intensifica, gerando "uma espiral de violência". **Para quebrar este ciclo, estratégias de enfraquecimento do valor instrumental da violência são imprescindíveis**, e neste sentido, elencamos três pontos de atuação:

- a) Mobilização de todos os agentes escolares (principalmente professores) para a construção de uma educação baseada no diálogo.
- b) Identificação de espaços onde a violência está mais presente em cada escola, pois eles dizem muito sobre o sentido da violência, e conseqüentemente, sobre como enfraquecer a utilidade da mesma.
- c) Oferecer alternativas, saídas com as quais os estudantes podem contar quando se depararem com uma situação em que sofrem, ou sentem-se tentados a utilizar-se da violência. Essas alternativas podem ser desde vínculos protetivos, até processos construídos coletivamente para lidar com cada problema – pois é muito comum que o mesmo problema seja encaminhado de formas completamente distintas na escola, gerando situações de injustiça.

5. Acompanhamento do desenvolvimento dos estudantes

Como profissional responsável por realizar esse acompanhamento, o trabalho do psicólogo excede a contribuição na implantação das estratégias aqui descritas. **Esse profissional pode identificar e acompanhar questões específicas** (como a automutilação, por exemplo), mobilizando as ações necessárias junto aos demais membros da equipe pedagógica, para que, a vivência de um estudante não seja apenas encaminhada a nível individual, mas possa "ecoar", transformando-se em oportunidades para que toda a escola aprenda a lidar com questões do mesmo gênero.

Por todas as demandas específicas do trabalho que realizam na escola, os gestores, professores e funcionários dificilmente teriam tempo de conhecer a fundo as vivências e sentidos da violência na perspectiva dos estudantes.

Por isso, **a presença do psicólogo pode favorecer a construção de cada etapa deste esquema**, levando em conta as especificidades de cada escola e das pessoas que ali convivem.

APOIO:



Do Risco à Proteção
ECOAR



Espaço de Convivência
Ação e Reflexão

Grupo de Pesquisa:

Avaliação e Intervenção Psicossocial: Prevenção Comunidade e Libertação

Site: <http://www.gep-inpsi.org>

PUC-Campinas

Centro de Ciências da Vida

Av. John Boyd Dunlop, s/n, Jardim Ipaussurama - Campinas-SP

Telefone: 19.33436867